

OS ROTEIROS DA FÉ NO MARANHÃO¹

Sergio F. Ferretti

O sagrado e o profano embora sendo domínios que em tese são separados e distintos como acentua Durkheim, na prática estão quase sempre interrelacionados, sobretudo no que concerne à cultura popular. O antropólogo Rubem César Fernandes (1982) considera que “as romarias representam de maneira mais clara o tema da diferença entre o sagrado e o profano, que segundo Durkheim é uma característica essencial da religião”. Os roteiros de fé, que podem também ser denominados de locais de romaria são numerosos em toda parte, geralmente ligados a tradições religiosas, sobretudo, mas não exclusivamente no mundo católico.

No Brasil os roteiros de fé estão tradicionalmente vinculados ao catolicismo, em geral estão sob o controle eclesiástico e constituem importante fonte de renda para a Igreja. Riolando Azzi (1979: 54) considera que os centros de romarias “constituem o lugar da maior expressão coletiva da religião popular”. Há inúmeros locais de romaria de norte a sul do país, desde o famoso Círio de Nazaré em Belém, a N. Sra. Da Aparecida em São Paulo, além de inúmeros outros como Juazeiro do Padre Cícero e São Francisco do Canindé no Ceará, Bom Jesus da Lapa na Bahia, Bom Jesus dos Matozinhos em Minas Gerais e muitos outros.

Riolando Azzi (1979) analisa as romarias no Brasil através de diversos ciclos que caracterizam a origem desses centros, a saber: Ciclo Litorâneo, surgido no primeiro século da colonização; Ciclo Bandeirante, que se caracterizou pela penetração no interior; Ciclo Mineiro, ou ciclo do ouro do séc. XVIII; Ciclo Lusitano, com a afirmação da cultura portuguesa; Ciclo Sertanejo, relacionado ao catolicismo rural e Ciclo Romano a partir de fins do séc. XIX com o episcopado assumindo a direção dos santuários. Embora haja um certo ambiente de liberdade, é importante lembrar que muitos locais de romarias contam com o controle de autoridades eclesiásticas e políticas para evitar os excessos que podem ser cometidos com a reunião de grandes multidões.

É comum que os participantes de uma romaria estejam cumprindo uma promessa por graça alcançada pela intervenção do santo protetor, muitas vezes pela cura de uma doença ou infortúnio de natureza variada. O pagamento da promessa geralmente implica num sacrifício que é uma reciprocidade, ou contra partida pela graça alcançada. Há pessoas que participam descalças, vestindo mortalha ou roupa de santo, crianças vestidas de anjo, pessoas carregando pedra na cabeça ou água para ser distribuída aos participantes, carregando cruzeiros, imagens, etc. É comum que os devotos tragam um ex-voto, que consiste num objeto que visualiza a graça alcançada. Atualmente muitos costumam representar a cura em cera e alguns são feitos de madeira ou pintados em quadros, e são exemplos da arte popular da região, como alguns que podem ser vistos em exposição no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho da SECMA em São Luís, recolhidos, sobretudo nas romarias de Ribamar e de Vargem Grande.

Embora a maioria das romarias expresse devoção, de modo geral prevalece um clima de conagração e de festa. Isidoro Alves (1980), estudando o Círio de Nazaré em Belém considera a romaria uma espécie de Carnaval Devoto, título de sua obra. As romarias se organizam como peregrinação a um local considerado sagrado. Constituem momentos de extravasamento da fé, da devoção, da efervescência religiosa e ao mesmo tempo são locais de festa, diversões, feira, comércio e inclusive jogos e prostituição em que o sagrado e o profano estão muito próximos. Riolando Azzi (1979) considera que: “Conforme a mentalidade típica da Idade Média, os principais centros de devoção se constituíam em lugares onde ocorria a fama de prodígios divinos.” Riolando Azzi lembra que nas romarias populares o sincretismo religioso encontra-se muito presente.

¹ Trabalho apresentado na Mesa Redonda O sagrado e o profano na cultura popular, no Simpósio Turismo e Cultura Popular, organizado pelo SESC em São Luís em 20/05/2008.

Nas romarias são realizados determinados ritos e atualizados alguns mitos e lendas relacionadas com as origens do evento, normalmente lembrados por ocasião da festa. Os ritos implicam na realização de atos religiosos incluindo, procissões, traslado de imagens, queima de fogos, leilão, doação de esmolas, entrega de ex-votos, preparo e distribuição de comidas especiais típicas da região, etc.

Nos locais de romaria é muito comum o funcionamento de uma grande feira com o comércio de alimentos, vestimentas e grande quantidade de coisas, organizadas muitas vezes como um arraial, com parque de diversões onde muitas vezes o sagrado e o profano se aproximam e se separam. As romarias podem ser consideradas também como uma espécie de turismo religioso e no mundo inteiro este turismo religioso constitui um fato econômico importante. No Brasil muitas vezes as romarias funcionam como uma espécie de turismo para os mais pobres, sobretudo para pessoas do meio rural, de cidades do interior, em várias regiões do país e principalmente no Nordeste. Particpei uma vez da Romaria ao Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa na Bahia e fui informado que como a população da cidade na época da festa era consideravelmente ampliada, vinham de avião muitas prostitutas trabalhar na cidade neste período. Conversando com os inúmeros feirantes durante esta romaria, soube que muitos deles iam ao longo do ano se transferindo de uma romaria a outra, indo do Nordeste em direção ao Centro Sul do país, fato que mostra aspectos econômicos importantes vinculados a este evento.

No Maranhão temos conhecimento da existência de poucos locais de romaria e por outro lado, são numerosas as festas de santo em muitos locais e que são realizadas ao longo de todo o ano, como as Festas do Divino Espírito Santo, de São Sebastião, São Benedito, N. Sra. Do Rosário, Santa Tereza, de Cosme e Damião e tantas outras. Muitas destas festas incluem grande procissão como a de São Benedito no mês de Agosto em S. Luís, que é uma das maiores procissões da cidade.

A festa do Divino é uma das mais concorridas, sobretudo em Alcântara, atraindo grande número de visitantes na época próxima ao domingo de Pentecostes. É também importante em outros locais como em Paço do Lumiar, onde é realizada no mês de Outubro. A festa do Divino também ocorre ao longo de todo o ano em grande número de terreiros de culto afro em São Luís, sendo oferecidas a entidades espirituais que são devotos do Divino e pedem a sua realização nos terreiros, acontecimento que é típico desta festa no Maranhão. Como a festa do Divino será objeto de outra apresentação neste simpósio, fizemos aqui apenas esta breve referência chamando atenção para a importância da festa do Divino e de outras festas de santos como momentos importantes nos roteiros de fé do Maranhão.

Existem duas romarias católicas mais conhecidos no Maranhão: a de São José de Ribamar e a de São Raimundo Nonato, em Vargem Grande. Não há muito material bibliográfico disponível sobre estas romarias. Conhecemos monografias de conclusão de cursos de graduação de alguns alunos que tratam um pouco destes temas.

Ana Socorro Braga (1998), em monografia do Curso de Educação Artística da UFMA informa que “a devoção a São Raimundo está relacionada às estradas de boiadas que serviam de caminho para o gado que era transportado pelos vaqueiros para as grandes fazendas escravagistas e produtoras de algodão do Vale do Itapecurú”.

Na romaria de São Raimundo um lugar importante é ocupado pelos cavaleiros, em número de mais de mil, que acompanham a procissão e participam em grupos. É realizada no final do mês de agosto quando parte da cidade se transforma num grande arraial, recebendo inúmeros visitantes e filhos da região, que vivem em outros lugares. É precedida por um período de novenas e ladainhas e no dia de São Raimundo (30/08) se realiza um grande cortejo ao povoado de Paulica, localizado há alguns quilômetros da cidade, levando a imagem do santo pela manhã e trazendo-a de volta ao fim do dia.

Os participantes vão a pé, de automóvel ou a cavalo. Em Paulica realiza-se uma missa campal, os devotos depositam ex-votos, fazem um grande acampamento e apresentações da cultura popular. São Raimundo foi um bispo espanhol que teria vivido na Idade Média, mas em Vargem Grande dizem que houve um vaqueiro de nome Raimundo, que

viveu na fazenda dos Mulundus, há cerca de 30 kms da cidade, morreu ao bater com a cabeça numa carnaubeira e seu corpo teria ficado intacto, dando início à romaria. A imagem do santo teria sido encomendada em Portugal pela mãe do coronel Saul Nina Rodrigues (pai do médico Raimundo Nina Rodrigues), dono da fazenda dos Mulundus. Na década de 1950 os padres compraram terras no povoado de Paulica para onde transferiram a romaria.

A romaria de São José de Ribamar teria se iniciado no séc. XVIII com a vinda de um português que encomendou a imagem em agradecimento por ter sido salvo de um naufrágio e construiu uma ermida. Contam-se inúmeras lendas na região, uma delas diz que a capela para o santo foi construída de frente para a cidade e dando fundos para o mar. Entretanto como a capela sempre ruía foi construída definitivamente de frente para o mar. Contam também que havia uma imagem carnal que vertia sangue e que foi levada pelos padres para Roma e não a trouxeram mais.

A festa é realizada em data móvel, de acordo com a lua cheia, no mês de setembro, precedida por novenas e com a realização de missa e procissão. Muitas pessoas de São Luís participam da romaria indo a pé, de moto ou de automóvel em agradecimento a graças alcançadas. Tradicionalmente realiza-se também uma romaria de carroceiros que viajam durante toda uma noite enfrentando os 30 kms que separam São Luís de São José de Ribamar.

Há grande número de barracas, festas de radiola, vendas de objetos variados e, sobretudo de cerâmica procedente do Município de Rosário. Antigamente havia o costume de pessoas do interior, colocarem nos rios garrafas lacradas com mensagens de agradecimento e dinheiro para a festa de São José de Ribamar, que as correntezas levavam até a cidade e os pescadores recolhiam para entregar na casa dos milagres.

Em 1998 foram feitas grandes reformas no templo, e no seu entorno. Foi restaurado um antigo altar de madeira que fora destruído na década de 1950 e construída uma grande estátua do santo, considerado padroeiro do Maranhão, instalando-se pequeno museu em sua base que mostra vários aspectos da festa e inúmeros ex-votos. Na praça em frente à igreja foram colocadas imagens que contam a vida de São José em tamanho natural e construída concha acústica para a realização de missas e de shows artísticos. Ao longo de todo o ano é comum que pessoas residentes em São Luís visitem a capela, sobretudo levando um carro novo para ser abençoado pelo santo ou participando de romarias pelo agradecimento de uma graça.

Atualmente é comum no Maranhão, como em toda parte, a realização de grandes eventos religiosos em estádios ou locais públicos que comportem grande número de pessoas, como centros de convenções e outros. Quando o Papa João Paulo II passou por São Luís em inícios da década de 1990, foi construído um grande altar para a celebração de missa campal que reuniu grande multidão. Hoje este espaço encontra-se desativado. As vezes costuma haver a realização de eventos religiosos deste tipo, congregando grande multidão, organizados pela Igreja Católica ou por Igrejas evangélicas ou pentecostais, mas são eventos transitórios que não chegam a se constituir em locais permanentes de romaria. Assistimos há alguns anos parte de um grande evento reunindo membros de diversas igrejas pentecostais, realizado no Centro de Convenções do SEBRAE em S. Luís. A Igreja Universal do Reino de Deus recentemente construiu em São Luís um enorme templo na Rua Grande. Com o recente crescimento das Igrejas Pentecostais em todo o país, atualmente em São Luís como em toda parte há grande número de templos destas igrejas, que costumam ocupar prédios de antigos cinemas, galpões e auditórios em geral. Estes templos são novos espaços nos roteiros de fé. Como são relativamente recentes não sabemos até que ponto terão a continuidade das antigas romarias conhecidas em toda parte, algumas antigas de vários séculos.

É comum em muitos lugares serem realizados romarias e festas em túmulos de pessoas falecidas que também são considerados como locais milagrosos de romaria e podem ser incluídos nos roteiros de fé. Um dos mais conhecidos no Maranhão é a conhecida sepultura da Alma Milagrosa, em Rosário. A festa teria se originado em torno da sepultura de alguém que faleceu numa grande epidemia que ocorreu em Rosário em fins do Séc. XIX.

Em fins do séc. XX, durante cerca de 40 anos, foi organizada, geralmente no fim do ano, uma festa em louvor à Alma Milagrosa de Rosário por uma graça alcançada, com ladainhas, queima de fogos, dança de tambor de crioula durante a noite toda ao lado da sepultura e oferecimento de um repasto aos participantes. Em inícios do séc. XXI, com o falecimento do senhor José Paulo, de seu organizador, a festa deixou de ser realizada, mas seus familiares continuam zelando pela sepultura e talvez a festa volte a renascer. Conhecemos outros locais semelhantes como um túmulo na estrada que liga a BR S.Luís/Terezina, à sede do Município de Codó, que possui uma pequena capela onde sempre há o oferecimento de ex-votos, velas acesas, etc., mas não temos notícia da realização de festa periódica neste local.

O mito do Sebastianismo é muito encontrado sobretudo no Nordeste e no Norte do país. Nos Estados do Pará e do Maranhão há locais em que se acredita que esteja encantado o rei Dom Sebastião que desapareceu numa luta contra os mouros nas areias de Alcacer Kibir, no Marrocos. Em Cururupu, na Ilha dos Lençóis, existe a lenda do Touro Encantado, da encantaria do rei Dom Sebastião, que deverá ser retratada em outro momento deste simpósio. Chamamos atenção para a presença deste mito tanto no tambor de mina quanto na cura ou pajelança, onde Dom Sebastião e outras personagens ou entidades de sua corte ou família são recebidos em transes rituais como nobre ou como encantado num touro. Este mito de Dom Sebastião também aparece no Maranhão nas festas do bumba-meu-boi sendo retratado em bordados das vestimentas e em cânticos entoados. Não iremos nos estender mais sobre o assunto, pois o Sebastianismo é tema de outro comunicado nesta mesa.

Como na Ilha dos Lençóis, há outros locais de encantaria, sobretudo no litoral do Maranhão e do Pará. Locais de encantaria são espaços geográficos, mágicos e míticos que refletem o encantamento do mundo de que nos fala Mircéa Eliade, lugares considerados especiais em função do acontecimento de um importante evento histórico ou mitológico. Os pajés de Cururupu mencionam com frequência o chamado piquinzeiro da Mulata, em cuja raiz habitariam caranguejos considerados encantados. Em Alcântara é comentada a pedra de Itacolomi, local de residência de seres encantados. A Princesa dona Doralice, encantada numa Troirinha habita na Pedra de Itacolomi e como outros seres encantados são lembrados com frequência em diversos cânticos do Tambor de Mina. No Maranhão há muitos outros locais como estes que também são locais mágicos e de encantaria. Alguns podem ser identificados nos cânticos religiosos dos terreiros de Mina.

As religiões afro-brasileiras foram, até recentemente bastante marginalizadas e discriminadas em toda parte, inclusive no Maranhão. Nas últimas décadas estas religiões têm sido procuradas por pesquisadores, estudiosos, pela mídia, por participantes dos movimentos negros e hoje em dia são mais bem aceitas na sociedade brasileira. Entre as décadas de 1950 e 1970, no Maranhão e no Piauí foi muito divulgada a figura do curador Bruno que atraía grande número de visitantes ao povoado de Nazaré do Bruno, próximo a Caxias. Depois de seu falecimento seus familiares continuaram o culto que ele fundou, mas sem o carisma e a personalidade do fundador. A bela igreja por ele construída e o terreiro que organizou estão de pé e são bem conservados na cidade, mas não temos conhecimento de movimento religioso em torno de personalidades carismáticas atuais na região.

Entre outros locais de culto podemos incluir os terreiros ou centros de culto afro-brasileiro nos roteiros de fé do Maranhão. O fato da cidade de São Luís ter sido considerada pela UNESCO como patrimônio da Humanidade, tem atraído razoável número de visitantes interessados em turismo cultural e nesta perspectiva os cultos afro constituem um dos pontos de atração, tendo em vista a importância do contingente afro-descendente na população do Estado, bem como a contribuição dos negros e dos grupos de culto afro em diversos aspectos da cultura popular maranhense.

Há terreiros de culto afro em toda parte no Maranhão, mas podemos agrupá-los em terreiros do interior e de São Luís. No interior destacamos as regiões em torno dos Municípios de Cururupu, no Litoral e de Codó na região dos Cocais, como centros de concentração de grande número de afrodescendentes e de grupos de culto afro.

Cururupu e cidades próximas com Guimarães, Pinheiros, Beckmão, Viana, Santa Helena e outras, possui muitas casas de culto afro. Nesta região prevalece, sobretudo a prática da Cura ou Pajelança, cujos líderes são denominados pajé ou pajoa. Pelo nome os rituais parecem ser de origem ameríndia, mas são praticados predominantemente por negros, e apresentam influências das religiões afro-brasileiras como o Tambor de Mina e a Umbanda. Normalmente na Pajelança um único pajé dança durante todo o ritual, segurando um penacho com penas de arara e um maracá. Costuma ser acompanhado por pandeiros, palmas e cânticos da assistência. Durante o ritual o pajé recebe inúmeras entidades, denominadas genericamente de encantados que podem ser príncipes, princesas, caboclos, aves, peixes, insetos, etc. Muitas vezes o pajé trabalha com uma entidade principal que realiza cura de doenças e aflições através de vários métodos, principalmente “extraíndo” magicamente do doente algum objeto que nele foi colocado por agente maligno, como um verme, um alfinete, etc.. As entidades da cura são denominadas da linha de água doce, em oposição a entidades africanas, consideradas como da água salgada. São também chamados de seres do fundo, que vivem em locais denominados de encantaria. Em Cururupu existem dezenas de casas de pajés e o culto muitas vezes é “cruzado” com elementos rituais do Tambor de Mina ou de Umbanda.

Codó e cidades próximas como Caxias, Pedreiras, Bacabal e outras, possuem também grande contingente populacional de afro-descendentes. A religião afro-brasileira típica da região denomina-se Terecô, mas recebe igualmente influências da Umbanda e do Tambor de Mina. Há grande número de terreiros de culto afro em Codó, talvez cerca de uma centena, o que é considerável para uma população urbana que podemos estimar em cerca de cinquenta mil habitantes. Atualmente o terreiro maior e mais conhecido de Codó é a Casa de Bita do Barão, dedicada a Iemanjá. Nas grandes festas, principalmente no mês de Agosto e em Dezembro, o salão de danças da casa costuma receber cerca de quinhentos dançantes acompanhados por grande assistência. Fomos consultados mais de uma vez por pessoas ou grupos do exterior interessados em assistir festas neste terreiro, que atrai participantes e chefes de terreiros de todo Maranhão e de outros Estados. A casa possui um grande jardim e vários altares com imagens de santos e de outras entidades em tamanho natural.

Entre os instrumentos utilizados no Terecô incluem-se os tambores, com duas membranas, tocados sobre cavalete, denominados abatã e o tambor da mata, com uma só membrana, além de cabaças geralmente com contas internas e do ferro ou agogô. Uma das entidades mais importantes no Terecô é Léguas Bujá Buá, que possui uma banda branca e outra preta. Outra entidade também importante no Terecô é Maria Bárbara ou Baba Soeira, comemorada no dia de Santa Bárbara, a 4 de Dezembro.

Em São Luís destacam-se como terreiros mais antigos, a Casa das Minas Jeje, a Casa de Nagô e o terreiro do Justino, fundados no séc. XIX e que funcionam até hoje. Outros terreiros importantes, também do séc. XIX como o do Egito e o da Turquia, foram fechados na década de 1970 pela morte do dirigente principal. A religião afro-brasileira típica do Maranhão denomina-se Tambor de Mina. A palavra Mina deriva do Forte Português de S. Jorge da Mina, fundado no séc XVII na atual República do Gana por onde vieram numerosos escravos para o Maranhão e para as Américas. O termo tambor deriva da importância deste instrumento no culto. A partir de meados do séc. XX a Umbanda do sul do país se difundiu pelo Maranhão e grande número de terreiros de mina são “cruzados” com a Umbanda. A partir da década de 1980 o Candomblé, típico da Bahia também se difundiu no Maranhão e exerce influências em certos grupos de Tambor de Mina.

Como as demais religiões afro-brasileiras, o Tambor de Mina é uma religião iniciática, na qual se entra por processo demorado de iniciação. É uma religião mediúnica em que o transe ou possessão é um dos principais processos de contato entre o devoto e as divindades. Não é religião apostólica ou missionária e não faz propaganda para o ingresso de novos membros, que são escolhidos por chamado ou vocação das entidades. Aceita a existência de um Deus superior e de numerosas divindades que lhe são subordinadas. Como em todas as religiões o sincretismo está presente no Tambor de Mina, sobretudo em suas relações com o catolicismo, com o espiritismo e outras manifestações religiosas. Cada casa de culto possui um chefe, uma hierarquia de iniciados e é autônoma em relação a outros terreiros.

No Tambor de Mina são realizadas numerosas festas, que variam com cada casa e seguem o calendário da Igreja Católica. Nas festas costuma ocorrer o transe em que as divindades se incorporam em alguns devotos que lhes são consagrados. São realizadas com danças e cânticos em língua africana, com a oferta de alimentos especiais e com roupas próprias para os iniciados. Os instrumentos utilizados no tambor de mina nagô são dois tambores com duas membranas, colocados horizontalmente sobre cavaletes de madeira, denominados de abatás, as vezes acompanhado por um tambor longo, com uma só membrana, tocado verticalmente, denominado de tambor da mata, além de um ferro e de várias cabaças revestidas com rede de contas. No culto mina jeje, os instrumentos são três tambores de madeira de tamanho variado, denominados de hum, com uma só membrana, tocados com a mão e com baquetas de madeira.

Podemos considerar que existem duas tradições principais no Tambor de Mina do Maranhão: a mina jeje e a mina nagô, hoje difundida em vários outros Estados. A mina jeje, parece ser a mais antiga, que estabeleceu o padrão do Tambor de Mina. Este padrão só é encontrado na Casa Grande das Minas Jeje, da Rua de São Pantaleão em São Luís, que é única, não tendo casas que lhe sejam filiadas. Todos os cânticos são em língua jeje, ou Fon, proveniente do antigo Daomé, hoje República do Benin. Segundo pesquisas de Pierre Verger a Casa das Minas foi fundada na primeira metade do séc XIX por pela rainha Na Agontime do Daomé que foi vendida como escrava por um conflito na família real. Atualmente a Casa possui número muito reduzido de participantes e deixou de realizar inúmeros rituais, mas continua mantendo o culto realizado atualmente por apenas cinco mulheres e dirigido a cerca de meia centena de voduns, realizando algumas festas anualmente. Em maio ou junho a Casa das Minas realiza uma grande festa do catolicismo popular, a Festa do Divino, dedicada a um dos voduns cultuados e que atrai grande número de visitantes. A Casa das Minas é bastante conhecida na literatura antropológica tendo sido pesquisada por diversos estudiosos brasileiros e estrangeiros como Pierre Verger, Roger Bastide, Nicolau Pares, Nunes Pereira e muitos outros. A Casa das Minas é dedicada ao vodum Zomadonu e também é conhecida como Querebentã de Zomadonu. Em 2002 foi o terceiro terreiro de culto afro-brasileiro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que recentemente restaurou grande parte do prédio e uma série de fotos antigas da Casa que podem ser vistas nas paredes principais da parte pública do terreiro. Por sua importância e seu prestígio a Casa das Minas é um dos mais conhecidos e procurados roteiros de fé em São Luís.

Outro terreiro antigo de São Luís é a Casa de Nagô, localizada na Rua das Crioulas a uma quadra da Casa das Minas. Foi fundada também no séc XIX por africanos escravizados. Seus cânticos são em língua nagô (o Yorubá da Nigéria) dedicados a voduns e orixás. Atualmente esta Casa também possui número reduzido de participantes e realiza poucos rituais, um dos mais conhecidos é também a Festa do Divino. A Casa de Nagô é dedicada ao vodun Xangô e nela são cultuados voduns e orixás africanos como Iemajá, Xapanã Ogum e outros e caboclos nascidos no Brasil como Toi Zezinho, Dom João, Dom Pedro e outros. Os demais terreiros de Tambor de Mina do Maranhão e de outros Estados são derivados da Casa de Nagô.

Nesses dois terreiros, a Casa de Nagô e a Casa das Minas, e em outros terreiros antigos e tradicionais só mulheres entram em transe e dançam com as divindades. Em outros terreiros mais recentes homens e mulheres entram em transe, com o predomínio de mulheres.

Outro terreiro do séc. XIX que funciona até hoje em S. Luís é o terreiro do Justino, localizado na Vila Embratel, no Bacanga, atrás do Campus da UFMA. Ocupava originalmente um grande sítio que foi sendo invadido a partir da década de 1970 mas ocupa ainda uma área razoável e realiza festas regularmente. É dedicado ao vodum Averequete, sincretizado com São Benedito, festejado no mês de Agosto.

O antigo Terreiro do Egito, também do séc. XIX funcionou até 1970, próximo ao atual Porto do Itaqui e dele são derivados diversos terreiros de Mina que funcionam atualmente em S. Luís e no interior do Estado. O antigo Terreiro da Turquia, também do séc. XIX, funcionou no Outeiro da Cruz até ser fechado por volta de 1970. Uma vez ao ano, no dia de S. João o Pai Euclides da Casa Fanti Ashanti leva filhas-de-santo de sua casa para um toque no local do antigo terreiro. No Terreiro da Turquia teve origem a família do Rei da Turquia, grupo de encantados muito conhecidos e cultuados no Tambor de Mina. Uma das

características do Tambor de Mina é que a maioria das entidades são agrupadas em famílias de encantados, entre as quais a família do Rei da Bandeira, a Família de Légua, a Família de Dom Sebastião e outras.

A maior parte dos terreiros atuais de Tambor de Minas funciona aproximadamente a partir de meados da década de 1950 ou são mais recentes. É difícil determinar seu número exato, pois há casas que são temporárias ou que mudam de endereço e outras que são fechadas. Estima-se que eles ultrapassam o número de 500 casas de culto. Algumas são pequenas, com poucos participantes e outras possuem grande número de filhas-de-santo. Muitas se localizam em bairros pobres da periferia ou na zona rural. Algumas poucas como a Casa de Fanti Ashanti, dedicada a Oxalá e outras dela derivadas, realizam rituais de Tambor de Mina e rituais de Candomblé. Outras como o Terreiro de Iemanjá do falecido pai Jorge de Itacy e casas dele derivadas realizam rituais de Tambor de Mina com influências do Candomblé, especialmente nas festas de iniciação e na paramentação dos orixás, com vestes similares às do Candomblé.

Há terreiros de Mina muito ativos como o de Dona Elzita, no Bairro do Sacavém, o de Pai Joãozinho da Vila Nova, no Anjo da Guarda, o de Itabajara no Maiobão e muitos outros. Estes dois possuem casas amplas em que nas festas dançam cerca de uma centena de filhas-de-santo. Todos realizam numerosas festas ao longo do ano, num calendário onde há festas de santo praticamente em todas as semanas em diversos terreiros. Alguns terreiros de Mina e de Umbanda realizam rituais semelhantes bastante, sendo as vezes difícil identificá-los como terreiro de Mina ou de Umbanda, como a casa de Dona Mariinha no bairro do Angelim e em outros onde se diz que a Umbanda é “cruzada” com o tambor de mina. Algumas casas realizam uma ou duas vezes ao ano um ritual de Cura ou Pajelança como os que mencionamos antes em relação a Cururupu.

Muitos terreiros em determinadas datas organizam festas com Tambor de Crioula, (no dia 13 de maio, em 31 de agosto ou em outra data) ou com Bumba-meu-Boi (na época das festas juninas) que são oferecidos a entidades que apreciam estas manifestações. Outras manifestações da cultura popular como quadrilhas, danças portuguesas, pastores, também costumam ser apresentadas nos terreiros. Algumas datas do calendário católico são muito importantes no Tambor de Mina e quase todos os terreiros organizam festas como a 04 de Dezembro, dia de Santa Bárbara, 06 de Janeiro, dia de Reis, 20 de Janeiro, dia de São Sebastião, quarta-feira de cinzas, sábado de Aleluia, 23 de Abril, dia de São Jorge, 24 de Junho, dia de São João, 27 de Setembro, dia de Cosme e Damião, 28 de Setembro dia de São Miguel, etc.

Vemos assim que o Tambor de Mina possui um calendário muito diversificado realizando festas ao longo de quase todo o ano que ampliam em muito os roteiros de fé do povo no Maranhão.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Isidoro - O Carnaval Devoto. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AZZI, Rioldo. As Romarias no Brasil. In: Revista de Cultura Vozes. Religiosidade Popular na América Latina. Petrópolis, Ano 72, Vol LXXIII, Maio 1979, nº 4, pp 39-54.

BRAGA, Pedro. O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis. O Sebastianismo no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRAGA, Ana Socorro. Romaria de São Raimundo dos Mulundus. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº 11, Ago, 1998.

BATISTA, Ana Socorro Ramos Braga. A Romaria de São Raimundo Nonato dos Mulundús: Um estudo sobre o catolicismo popular em Vargem Grande - Maranhão: São Luís: UFMA/Curso de Licenciatura em Educação Artística. Monografia de conclusão. São Luís, 1975.

FERNANDES, Rubem César. Os Cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma. O caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. Encantaria de “Barba Soeira” Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

FERRETTI, Sergio F. Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996

_____. Repensando o Sincretismo. São Paulo: EDUSP, 1995

STEIL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, Roza. Festa de São José de Ribamar. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. N ° 11, Ago. 1998, p 6.